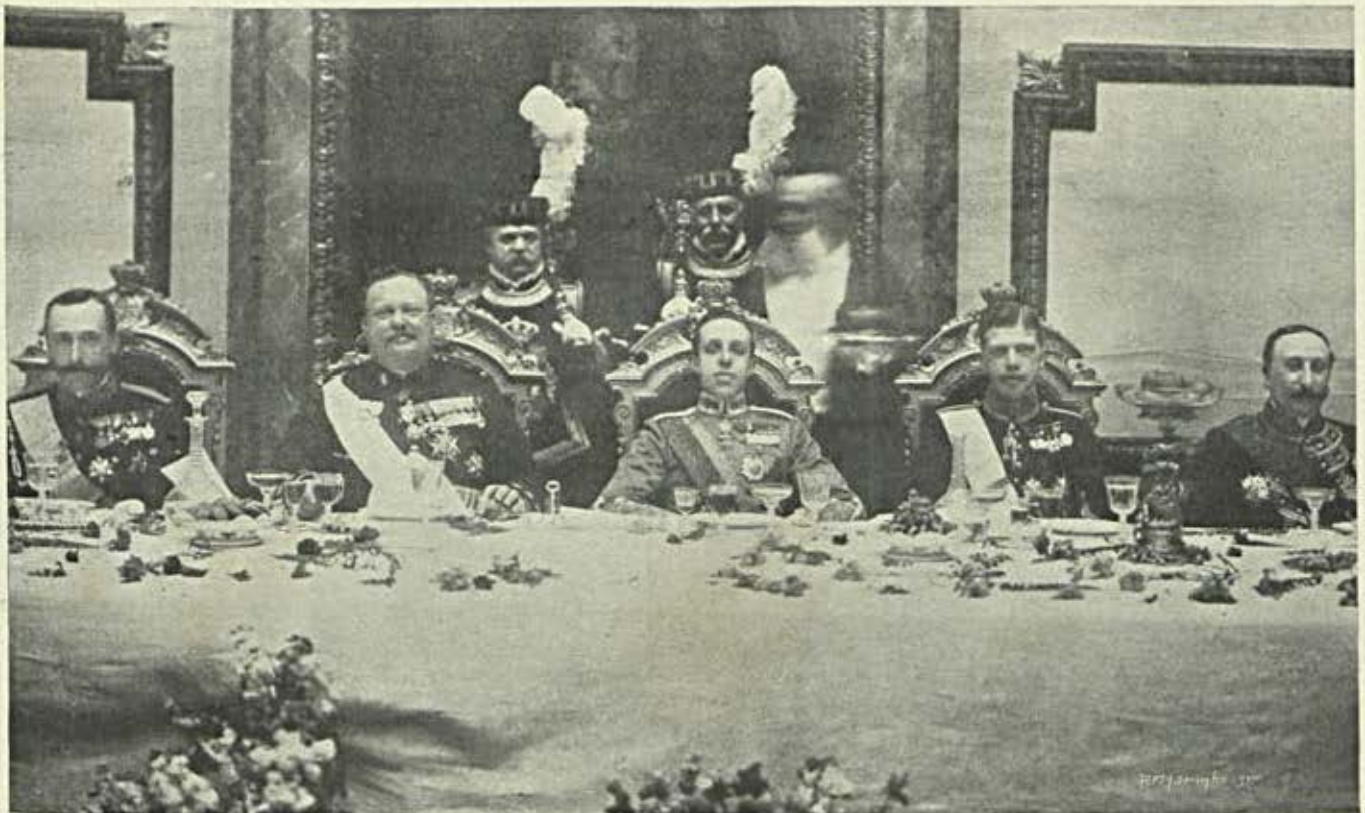


BRASIL - PORTUGAL

1 DE ABRIL DE 1906

N.º 173

Os reis de Portugal em Madrid



Cliché Benoitel.

O almoço no Ayuntamiento no dia 15-3-906

D. Carlos de Bourbon — El-rei D. Carlos — El-rei D. Alfonso — Principe Fernando da Baviera — Eduardo Vincenti (alcaide de Madrid)

O "Aquidaban"

Manifestações publicas

As manifestações de estima cordeal e fraterna pelo Brasil a proposito da catastrophe que para sempre o enlutou estão proximas do seu fim. E seria injusto omitir que a commissão executiva das homenagens, da qual fazem parte todos os directores do *Brasil-Portugal*, se não poupou a esforços para que ellas fossem revestidas de um caracter de sinceridade e desingeleza, que por isso as tornasse mais eloquentes e mais tocantes.

O espectáculo do theatro D. Amelia, o bando precatorio, e a sessão solemne na Sociedade de Geographia, representam aspectos diversos do mesmo sentimento, varias feições do mesmo preito e da mesma sympathia.

N'aquelle theatro fez-se ouvir a voz suggestiva de um orador de raça, Manuel de Arriaga, que perleu de lagrimas as palavras brotadas do coração, e através da sua dôr reproduziu a dôr de nós todos, e disse ao Brasil com aquella eloquencia simples que lhe é familiar que para estreitar homens ou nações não ha laço mais poderoso que a desventura. E minutos depois, no mesmo palco, cercado d'aquelles que promoviam as homenagens, Augusto Rosa dava na sua voz, rica de cambiantes, sentimento e côr aos versos de Lopes de Mendonça, que pareciam repassados das lagrimas choradas por mães, esposas e filhas d'aquelles que o mar tragou.

Passados dias desfilava pelas ruas de Lisboa o Bando Precatorio, que era a manifestação de sentimento nacional mais vasta, mais popular, mais expressiva.

Era o povo que pedia ao povo; eram jornalistas, academicos,

bombeiros, actores, toureiros, actrizes, que com uma dedicação infatigavel, que em alguns denunciava um reconhecimento profundo a serviços e favores devidos ao Brasil, solicitavam a ricos, a pobres, a toda a gente que se agglomerava nas ruas do cortejo, imponente e severo, um donativo, um obulo, tudo o que viesse avolumar a verba que havia de ser entregue ao ministro do Brasil, para elle enviar ao seu destino, verba de larga significação, não pelo seu valor total, mas porque decomposta nas suas parcelas representava dezenas de milhares de corações que se tinham emocionado perante a catastrophe, e desejavam traduzir por essa fórma material que tomavam para si o luto que cobria o Brasil.

N'esse mesmo dia, pouco antes de desfilarem o cortejo, já a commissão se havia dirigido á legação e ao consulado brasileiros e, pela palavra do seu presidente, transmittira os seus sentimentos magoados a esses altos funcionarios da Republica, que os agradeceram em palavras commovidas, prometendo transmittir os ao chefe da nação brasileira.



Cliché Benoliel.

O bando precatorio. — Desfile da cavalgada

E para que esse dia 18, consagrado ás manifestações, fechasse memoravelmente, a sessão solemne da Sociedade de Geographia deu ao conjunto das homenagens a nota mais elevada, mais grandiosa e mais sentida.

Ahí, na presença dos representantes do Brasil e do governo portuguez, deante de uma numerosa assembléa, em que figuravam as mais altas classes sociaes, o presidente d'essa sociedade benemerita, que é ao mesmo tempo o mais graduado official da armada portugueza, fez pulsar o seu coração de marinheiro, ao descrever os horrores da catastrophe e ao compartilhar em nome da marinha portugueza a enorme desventura que acabava de ferir a marinha brasileira.

E depois d'elle, tres oradores dos mais illustres: Magalhães Lima, filho do Brasil, pelo berço, e, por adopção, de Portugal, Senna Freitas, o escriptor erudito que lá viveu muitos annos e privou com os maiores entre os cidadãos brasileiros, e Veiga Beirão, o antigo estadista e orador consagrado, fizeram resoar a sua palavra por toda a amplidão da formosa sala *Portugal*, pondo todos em relevo simultaneamente a grandeza da dôr que atravessou a alma brasileira e a grandeza da coragem com que esse povo para altos destinos fadado soube affrontal-a, como ha de saber vencel-a...

Todas estas manifestações da nossa confraternidade hão de calar fundo, temos a certeza d'isso, no coração brasileiro. E sirvam ellas ao menos para demonstrar ao Brasil, de uma forma irrefutavel, ao seu chefe, ao seu governo, e ao seu povo, que Portugal, atravez de quizesquer incidentes politicos que possam dar-se, o ama entranhadamente, como se ama um irmão, como se ama um filho.

O *Brasil-Portugal* dá numerosas gravuras do Bando Precatorio. Os seus collaboradores photographicos não pouparam as suas objectivas para que o original cortejo ficasse em variados aspectos reproduzido n'estas paginas.

Os que não assistiram, e sobretudo os que residem no Brasil, poderão assim fazer ideia do que foi essa manifestação, com todos os elementos que a constituíram.



Cliché A. Lima.

O bando precatorio

Carro das actrizes Augusta Cordeiro e Jesuina Saraiva

A lingua é a melhor e a peor coisa do mundo. Na lingua conhece o medico as enfermidades do corpo e na lingua conhece o philosopho as enfermidades do espirito.

Carta a um noivo

Posta Restante tal é o título do último livro de João Chagas, o nosso primeiro cronista — primeiro, em que peze a laureados plúmíticos.

D'esse livro, lido de um folego n'uma n'ite, permittimo-nos nós transplantar algumas paginas para o *Brasil-Portugal*.

Desdem pela mulher! Preconceitos masculinos! Como pudeste tu acreditar que eu me inspirasse ainda ácerca da mulher nos nossos velhos livros de religião, de philosophia e de medicina? Ao contrario, eu julgo a mulher, com toda a clara rasão, um organismo igual senão su-



Cliché A. Lima. O bando precatório. — *Angela Pinto*

perior ao nosso, com igual entendimento, uma sensibilidade maior e uma vontade muitas vezes mais forte do que a nossa. A sua capacidade intellectual está comprovada desde Clotilde e a conversão dos Francos até madame Curie e a descoberta do *radium*, e eu não pertencço ao numero dos detractores do sexo feminino que affirmam que esses exemplos de mulheres superiores tão somente constituem excepções. Como Dumas filho, profundamente acreditado que um sexo que fornece taes excepções gloriosamente conquistou o direito á igualdade da intelligencia.

A mulher não é inferior ao homem sob nenhum ponto de vista. Apenas tem outras funções physiologicas. Nada mais. Affirma-se que a força intellectual está em relação com o peso da massa encephalica e

que a massa encephalica da mulher pesa menos do que a do homem. Esta mesma asseveração é fortemente contradictada. Com effeito, o maior e mais pesado cerebro que se tem encontrado, foi o de uma mulher, o qual pesava 2:200 grammas, isto é mais 400 grammas que o de Curie. Na sua calorosa defeza das mulheres que votam, Dumas, que já te citei, faz, porém, notar, que não ha noticia de ter esta mulher escripto coisa equivalente á obra de Cuvier sobre os fosséis. A sua força muscular é inferior á do homem, mas a sua força nervosa é maior — e está bem provado que a sua força muscular seja inferior? As acrobatas, as



O bando precatório. — *Actriz Delphina Cruz*

carrejonas, as carregadoras parecem demonstrar-nos até certo ponto o contrario. Na nossa historia, uma mulher, que eu não te cito para não intercalar diversas facetas nesta minha séria justificação, dá-nos o exemplo ao mesmo tempo de um animo varonil e de um forte musculo.

Além d'isso, eu deploro a injustificada servidão civil da mulher. Julgas-me um faecioso inimigo das mulheres e eu sou um dos seus mais

obscuros, mais infecundos, mas mais fervorosos allia-dos. Se não milito no seu partido é porque ellas, pelo menos entre nós, não se lembraram ainda de o constituir. Eu pertencço ao numero dos que francamente desejam que se conceda á mulher todos os direitos civis do homem. Admiras-te? Vae vendo como foste injusto! A mulher não vota. Deve votar. Não é justo que tenha para com o Estado deveres a que não correspondam direitos. A mulher paga impostos. Não é justo que a despojem do direito de os fiscalisar. Legisla-se indifferentemente para o homem e para a mulher. Com que direito só o



Clichés Benollel.

O bando precatório — *Os bombeiros com o traquete*

homem se pronuncia nesta obra da legislação? Tendo de intervir na questão dos direitos da mulher, nos bons e fortes tempos em que estes altos interesses humanos eram concretamente discutidos (hoje, tu o sabes, tudo é abstracto) Emilio de Girardin declarou que a lei é essencial e unicamente uma lei masculina. Assim é. Os homens fizeram a lei para elles. O velho direito que concede a impunidade ao homicídio, nos crimes de adultério, é obra d'elles. A omissão da pesquisa da paternidade é obra d'elles. Eu reconheço que ha razões para se proceder a uma completa revisão do Direito, com a imprescindivel collaboração da mulher.

Vae vindo como penso!

Dumas põe algumas restricções ao direito da mulher ser eleita depois de não ter posto restricções algumas ao direito que lhe assiste de ser eleitor. E' elle quem diz: *Quant à être éligibles, nous verrons après, si elles sont bien sages.* Eu não ponho restricções de qualquer genero a um ou outro direito, porque na conquista dos direitos humanos não ha limitação: vae-se até ao fim. Achas talvez ridiculo — tu que me accusas de desdenhar a mulher! — que as mulheres intervenham com a sua fragilidade e a sua graça na dura acção do Estado? Estás talvez d'ahi a vêr o deputado do teu circulo subindo á tribuna de loque em punho? O que é ridiculo hoje deixará de o ser amanhã. Antigamente, as mulheres não occupavam as platéas dos theatros. Era ridiculo. Hoje não o é. E' ridiculo tudo quanto não se faz. Deixa de o ser logo que se faz. Desde que um facto perde anormalidade e entra nos costumes, todo o mundo o aceita.

Depois, quem te diz a ti que a felicidade dos povos esteja sempre dependente dos mecanismos parlamentares? Aqui está porque o genero humano tão lentamente caminha e tão laboriosamente conquista! — E' que elle é sempre seguido do pesado fardo da Rotina. Ao espirito

demonstrado que uma tribuna seja absolutamente indispensavel para fazer leis? Mas quando assim seja, a presença das mulheres nas salas dos parlamentos, como ja hoje nas salas dos theatros, será um facto naturalissimo, desde que os costumes o sancionem.



O bando precatório. — O coche funebre

Já te disse que não duvido um momento da capacidade intellectual das mulheres e, sem te citar exemplos classicos, eu mesmo tenho conhecido algumas de uma forte e nobre intelligencia, difficilmente egualavel pela do homem. Não duvido, portanto, um momento de que ellas possam admiravelmente exercer os seus mandatos. E como o poderia duvidar? Aquillo a que nós chamamos o *feminismo* e que não é mais do que a gradual emancipação da mulher, assignalou-se, como sabes, pela entrada das mulheres nas profissões mais laboriosas e de mais dura responsabilidade. As mulheres são medicos — pensa n'isto! Quer dizer, as mulheres decidem da vida humana só com os recursos da sua intelligencia, do seu saber, da sua energia. As mulheres são advogados, interveem nos pleitos da justiça, discentem interesses geraes, manuseiam a Lei. As mulheres são engenheiros, e construir uma casa não é responsabilidade menor do que tratar um doente. O doente pôde morrer, mas a casa pôde cair. Finalmente, as mulheres governam, exercem o poder absoluto, presidem a conselhos de ministros, declaram a guerra, fazem a paz, tem nas suas mãos e sustentam-n'os, não os pequenos interesses de uma cidade, ou de um circulo, mas os vastos, consideraveis interesses dos Estados, das nações, das raças. As mulheres são rainhas, como o foram Branca de Castella, Isabel da Hungria, Isabel de Inglaterra, Catharina da Russia, Maria Thereza, como o tem sido e o são nos nossos tempos, Victoria de Inglaterra, Maria Christina e, ainda ha pouco, a adolescente Guilhermina de Hollanda; e é absurdo pensar que tendo podido ser rainhas, as mulheres não possam simplesmente ser deputados, sem falar de que, sendo já hoje medicos, advogados, engenheiros, ellas estão munidas de uma auctoridade scientifica que lhes dá o direito de collaborar na acção do Estado.



Cléber Resoliel.

O bando precatório

Grupo de actrices — Georgina Gonçalves, Theresia Mattos, Amelia Earros e Dêphina Victor.
Em baixo o maestro Del-Negro

do homem repugna sempre fazer alguma coisa differente do que tem feito. A mulher pôde amanhã intervir apenas com a sua opinião, sem que lhe seja forçoso, como hoje ao homem, fazel-a acompanhar em publico de uma forte somma de logares communs. Está por acaso bem

lher de letras, como madame de Staël, como a Sevigné, como madame de Chantal, como madame de Longueville, como madame Roland, como a Georges Sand, para te dizer que, se ellas se tornaram superiores na Arte nada nos auctorisa a admitir que estivessem privadas de se tor-



O bando precatório. — Grupo de bandarilheiros

narem superiores na Política. O que succede é que os homens reservam para si o privilegio de legislar; mas esse privilegio é um abuso e se eu sou impotente para o destruir, nem por isso o condemno menos, não em nome das mulheres, que não me deram procuração para as defender, mas em nome da Equidade, de que vou sendo, como vês, o advogado gratuito.

Estou d'aquí a vê-te, cheio de surpresa, e perguntando a ti proprio se sou o mesmo homem, e, sobretudo, o mesmo philosopho que te sobresaltou e — não o negues! — te aborrecen e irritou com as suas ironias sobre o casamento e a mulher, na hora grata das tuas bodas.

Sim! Sou o mesmo. O mesmo homem e o mesmo philosopho, sem antagonismo, sem contradicção, sem remorso. Sou o mesmo — impudentemente. O facto é que não é o mesmo. As mulheres de quem te venho falando nesta carta, são as mulheres segundo a Razão. As mulheres de quem te falei na minha carta ultima são as mulheres segundo os Factos. Sim! não ha differença na essencia da personalidade humana. A mulher é em tudo igual a nós, as suas facultades são as mesmas e, se as suas funções são differentes, as suas forças são semelhantes ás nossas. Foge no entanto de organizar a vida matrimonial sob a base d'esse orgulhoso principio. Terás errado, e em tudo, tu, que reconheces a tua mulher igual a ti, a encontrarás inferior a ti. A sua intelligencia apparecer-te-ha inferior, o seu caracter menos recto, a sua educação peor.

Eis-te em face de um problema, pelo menos tão mysterioso como os dramas de Maeterlinck. Nada, contudo, mais simples. A apparente inferioridade intellectual e moral da mulher não resulta de vicios de conformação, mas tão somente de vicios de educação. Pensa n'isto: nas mãos do homem, a mulher nunca attinge a maioridade. — É sempre menor. Sob o pretexto de a proteger contra as suas pretendidas debilidades congenitas e nas suas crises physiologicas, o homem mantém-na systematicamente n'um regimen de tutela, graças ao qual a mulher não conhece nunca a liberdade; e sabes tu por acaso qual é a acção que exerce a liberdade na formação do ser moral? O ser moral da mulher forma-se na servidão. Isto é, o ser moral da mulher não se forma — deforma-se. Na mulher a alma aleija-se, como os chinês aleijam os pés das crianças — por compressão. É a alma infantil, caprichosa, irritavel, pusillanime, *sournoise*, enganosa, astuciosa, traiçora.

É a alma do escravo.

Desde que na mulher alvoreceu a razão, o que vê ella no universo? As suas cadeias. Reconheço desde logo que não se pertence e nunca mais se pertencerá. Pertence aos paes; ha-de pertencer ao marido. Não é um corpo, não é uma alma. É um objecto que muda de dono. O que poderá emancipar-a? O trabalho. A mulher não trabalha. É certamente o caso da tua. E o caso da minha. As mulheres que nós desposamos, em geral, tem uma só occupação: esperar por nós.

Essa dependencia é juridica, corporal e moral. Nós mantemos-as como hospedes, nós administramos os seus bens como menores, nós deliberamos em seu nome como interdietas, nós representamos em tudo a sua personalidade civil, para o que ella nos dá procuração cega; nós exercemos sobre o seu corpo oppressão, sobre a sua alma vigilância. Nós temos sobre ella — pensa n'isto! — direito de morte. Esse direito, só concedido outr'ora aos tyrannos, bastaria, quando não tivéssemos outros, para explicar todas as deformações da alma feminina.

A mulher é reputada falsa. A falsidade do caracter das mulheres resulta da sua condição servil. A mulher mente, finge, dissimula, porque não tem independencia. Nós mesmos por acaso não o fazemos? O que é a nossa hypocrisia, a nossa indulgencia com os factos, o nosso servilismo com os homens, senão a consequencia das nossas temporarias servidões? N'essa servidão permanente vive a mulher, e como queres tu que esta alma escrava, opprimida e ameaçada seja

uma alma recta? As traições da mulher não são menos o resultado da sua condição servil. Submettida a um regimen menos oppressivo, a mulher atraioaria menos, se bem que a virtude das mulheres, como diz Balzac, é menos uma questão de principios, que de temperamento. De todos os modos, não ha mulheres enigmaticas como pretende o romance psychologico. O que ha são almas submettidas.

A alma da mulher deforma-se. Como se forma o seu espirito? A educação da mulher nas nossas civilizações sacerdotaes e catholicas está — tu o sabes — organizada para a tornar inferior a nós. Não me refiro ás mulheres a quem poderia chamar *felizes* e que, por motivos de fortuna, ou em virtude de circunstancias propicias, recebem uma educação que as illustra e torna superiores. Refiro-me ás mulheres das classes sujeitas ás pressões da Rotina. N'essas pobres mulheres, que afinal são aquellas que desposamos, o espirito está infantil e infantilizado. Não tomam parte na acção social e são estranhas aos negocios do lar. Trazem um molho de chaves na algebeira da saia e «governam a casa». Em regra, o que a mulher domestica chama *governar a casa* consiste no exercicio severo d'estas duas funções — *dar a roupa ao rol e determinar o jantar*. Tu vas casar: vel-o-has. O que isto fatiga as nossas mulheres é inacreditavel! Tem o espirito adormecido e nenhum motivo intellectual o desperta. Não são susceptiveis de controversia. Quando entram em desacordo, altercam. Pensam cosinha, *toilette*, theatro, passeio e pouco mais. Quando não são venturosas, pensam tambem que poderiam não ter casado. Ao nosso espirito — ao teu, tão vivaz, e ao meu tão discursador — não fazem companhia, e assim succede que a nossa casa é o unico lugar da terra onde nos aborrecemos.

Emquanto não sobreveem os filhos, esta situação é cheia de tedio e amargura. Depois d'elles — eis o que te dizia na minha carta — faz-se no lar uma nova ordem moral.

Pela primeira vez, a mulher deixa de ser escrava. A sua unica, mas indisputavel soberania é a que ella exerce sobre o seu filho. É o sentimento da liberdade e é o sentimento da propriedade. Quando a mulher diz — *Meu filho!* sente enfim que se pertence e que alguma coisa no mundo lhe pertence. A latente hostilidade que no fundo do seu coração existe contra o homem, dá lugar a um sentimento de grata solidariedade e suave communhão. A mulher sente que collaborou com elle n'alguma coisa mysteriosa e sagrada, que foi resgatada pela natureza, que se elevou acima da sua condição na terra, que tem um destino superior na vida e que o vai cumprir.

Se não é um momento de definitiva reconciliação, é uma hora de doce armisticio.

Comprehendes agora o motivo das minhas restricções?

Emancipa a mulher, eleva-a até ao homem pela liberdade e pelo trabalho, educa-a para a vida como ser autonomo e não como instrumento do egoismo masculino — e casa. Casa com a primeira que encontrares, ao virar uma esquina. Emquanto, porém, não o fizeres, emquanto a não emancipares da lei, da tradição, da rotina, do costume, emquanto a não libertares da tua tutela, emquanto a opprimires com o teu despotismo, emquanto a embruteceres com o teu orgulho e a tua presumpção — toma precauções, a não ser que queiras tornar o conselho de Camillo e deixar correr o marfim, o que tambem é uma maneira de resolver o problema das seculares relações entre o homem e a mulher.

JOÃO CHAGAS.

Se leio um livro de medicina, acho em mim todas as doenças que elle diagnostica; se estudo um moralista, procuro no meu visinho todos os defeitos que elle descreve.

G. M. VALTOUR.



O bando precatório. — Actrices Cecília Machado, Delphina Cruz e Luz Velloso. Clélio A. Lima. Um dos membros da comissão

POLITICA INTERNACIONAL

A final a crise ministerial hespanhola foi por agora adiada. E não admira que o fosse, dadas as condições especiaes em que se encontra o chefe da nação visinha. Em primeiro logar uma mudança de ministerio nas vespersas da viagem ás Canarias não fazia sentido. Os reis costumam demittir os seus ministros quando voltam de viajar e não antes. Em segundo logar o proximo casamento de Affonso XIII não lhe permite, enquanto se não realizar, outras preoccupações além das que se referem ao noivado que, no dizer dos chronistas, inteiramente o absorve. Verdade seja que a situação da Hespanha, politicamente menos que desesperada, não se coaduna muito com estas interinidades e delongas. Mas as cousas são o que são; e se o rei entende regularisar primeiramente a sua situação pessoal e só mais tarde cuidar de regularisar a do paiz, que se ha de fazer senão aguardar o fim das bodas? Entretanto prolonga-se a existencia do ministerio actual, que de facto findou a sua existencia no dia em que o projecto das jurisdicções foi approved pelo parlamento, com grave offensa dos principios liberaes, que, parece, o sr. Moret devia representar no poder. A recusa de Affonso XIII a dar uma recomposição ao chefe do gabinete, e a insistencia real em confirmar a confiança no sr. Moret, pedindo-lhe para continuar no seu posto com os demais collegas, estão bem a indicar qual é a sorte que espera os actuaes ministros quando as featas do casamento estejam concluidas. Não se lhes deu agora a recomposição para se mandarem embora todos d'aqui a algumas semanas.

Quem virá depois? Também não é difficil prophetisal-o. O Sr. Maura com os seus conservadores clericos será o herdeiro da actual situação politica. E d'esta forma o sr. Moret sem interesse algum para si ou para o partido, que representava no poder, postatou dos seus principios democraticos, ferio de morte o prestigio do partido liberal, e preparando ou apressando a dissolução d'este partido, tornou possível o advento da reacção, que mais vae complicar a vida publica da Hespanha. Para chegar a tal resultado não valia a pena haver-se esforçado tanto por alcançar a chefa dos liberaes. A herança de Sagasta merecia ter caído em mãos mais habéis.

Na Russia parece que novamente se caminha para uma situação violenta. Depois do esmagamento da revolta de Moscou tinha-se cahido n'uma especie de colapso revolucionario, que o governo, se fosse habil, devia ter aproveitado para levar por diante as reformas promettidas, fóra da pressão das greves e dos levantamentos. Mas, ou o conde de Witte está completamente impotente, inutilizado como o foi pe as influencias da córte, ou elle proprio se converteu ao credo da burocracia; o certo é que em vez de reformas o que está na ordem do dia são as perseguições aos liberaes; e a mais impudente reacção campeia de novo, como se nada se houvesse passado na Russia depois das ultimas explosões.

Nunca se viu loucura assim. Parece que propositadamente o governo, ou quem por elle manda, está provocando a nação para que ella se lance de novo no caminho revolucionario. O que se tem passado com a eleição da Duma excede os ultimos limites. Primeiramente cercaram quanto possível a lei eleitoral, de modo a excluir todos os elementos mais ou menos evados de liberalismo. Não contentes, porém, com esta depuração inicial começaram os agentes da auctoridade a intimidar, a perseguir, e a expulsar das diferentes localidades todos os individuos, que, apesar de comprehendidos nas estreitas categorias da lei, se suppunha com razão ou sem ella que podiam votar com relativa independencia. O resultado é que as eleições são apenas uma ridicula ficção, e que pelo retrahimento de todos os elementos liberaes a futura Duma do Imperio, que devia ser a salvação do paiz, está destinada a ser um monumental fracasso. E por culpa de quem? Da falta de preparação do paiz? De modo nenhum. Por culpa tão sómente da autocracia que depois de ter promettido n'uma hora de angustia reformas liberaes á nação, não tem tido desde que fez essa promessa outra ideia que não seja a de a falsear.

N'estas circunstancias não admira que as massas populares desilludidas se lancem outra vez na revolução das ruas, unico recurso que lhes resta. O governo prepara-se para esmagar sem piedade o novo movimento revolucionario, contando d'esta vez com uma victoria estrondosa, que definitivamente aniquile os inimigos do tsarismo, mas não vê que mesmo na melhor das hypotheses nada terá ganho, porque a revolta serenada n'um ponto renascerá n'outro ao cabo d'algun tempo, e n'esta lucta suprema quem acabará por vencer será a nação.

O governo só conseguirá apressar com a sua politica dementada a desorganização financeira e economica do paiz. Ora o tsarismo pôde dispôr das bayonetas que quizer, para supprimir á vontade todas as liberdades. No dia em que o povo não pudér pagar integralmente os impostos por estarem arruinados o trabalho e a agricultura, e que por consequencia o estado não pudér solvêr os seus compromissos financeiros, n'esse dia está o tsarismo em terra e força alguma na Russia será capaz de o amparar.

a um accordo tenham augmentado. A posição dos delegados em Algeciras não tem variado. De um lado a França, apoiada pela grande maioria do congresso recusa-se a aceitar o projecto austriaco (leia se allemão) para a organização da policia; do outro lado a Alemanha, tendo a seu lado apenas a Austria-Hungria e Marrocos, esforça-se por cobrir airoosamente a retirada e nega-se ás ultimas concessões, que representariam grave lesão ao seu prestigio. A situação parece pois á primeira vista irreductivel; mas dado o actual isolamento da Alemanha, que até da propria Italia se viu abandonada n'esta questão, é quasi certo que o accordo acabará por se fazer, aceitando o Kaiser o ponto de vista da França. Representa esta aceitação um grande desastre para a diplomacia allemã, não ha duvida. Mas de quem, senão do governo de Berlin, é a culpa? Não foi o proprio imperador, quem ha um anno partiu em som de guerra para Tanger, tomando muito a seu bel prazer e com espanto de toda a Europa a posição, que afinal não poude sustentar até ao fim? Só de si e do seu chancellier tem de queixar-se.

Não admira, pois, o mau humor da imprensa allemã, que procura um bode expiatorio sobre quem possa descarregar a bilis do seu desapontamento. Volta-se contra a Italia que, apesar de ser aliada da Alemanha, fez em Algeciras o jogo da França. Volta-se contra a Russia que, apesar dos favores recebidos de Guilherme II, deu instrucções ao conde Cassini para apoiar as propostas da França na conferencia. E não só vae publicando o rol das suas repriminasões, senão que deixa antever já algumas das consequencias da derrota da diplomacia allemã em Algeciras. Uma d'essas consequencias será, ao que parece, a abertura da questão da Tripolitania, destinada especialmente a ferir a Italia e a castigar a pela sua defeccão. A outra será a demissão do conde de Bülow de chancellier do Imperio.

Não se sabe bem até hoje quem tem a responsabilidade da demonstração de Tanger.

Não se sabe se foi o imperador que com o seu temperamento impulsivo levou o ministro a reboque em toda esta triste aventura, ou se pelo contrario foi a politica do chancellier, que arrastou Guilherme II á imprudente manifestação de Tanger. Seja, porém, como fór, o desastre de Algeciras ha-de forçosamente fazer uma victima, e como essa victima não pôde ser o Kaiser, claro está que tem de ser o principe de Bülow o sacrificado. E diga-se em verdade, o chancellier allemão merece bem o castigo que lhe está preparado. Se foi elle o auctor da ida imperial a Tanger, a sua responsabilidade directa no fracasso diplomatico da Alemanha é innegavel. Se se deixou levar pela vontade do imperador, a responsabilidade que lhe incumbe por semelhante acto de fraqueza, com ser de outra ordem, não é menor. N'este caso o principe de Bülow revelou se um ministro fraco, sem individualidade, incapaz de arcar com a difficil tarefa de dirigir a politica externa de uma grande nação. Em situação idêntica Bismark teria abandonado o poder antes do que subscrever a tal orientação. E não é a primeira vez que o principe de Bülow mostra a sua deploravel fraqueza. Tudo quanto se passou desde o celebre telegramma a Krüger até aos insultos consentidos e proferidos em pleno Reichstag ao exercito inglez, mostra bem qual é a tempera do seu caracter.

Não negamos que o chancellier allemão seja um homem de espirito um politico culto, um orador brilhante se quizerem, embora lhe falte a elevação dos grandes vencedores da tribuna. Com todas estas qualidades, porém, tem sido um ministro dos negocios estrangeiros mediocre, e a prova da sua mediocridade está ahí bem patente no completo isolamento da Alemanha. Justo é, pois, que reciba o seu castigo, quem tão mal tem sabido utilizar para bem da nação o enorme poder de que dispõe.

Mas, dissolver-se-ha a conferencia de Algeciras sem chegar a um accordo qualquer? Não parece provavel. Os diplomatas reunidos na já hoje celebre cidade hespanhola hão de encontrar uma fórmula boa ou má, para reunir a unanimidade das adhesões.

Simplemente no fundo a questão ficará irreductivel como antes, por mais que os respectivos governos se esforcem em proclamar a victoria da conciliação. A Alemanha sairá derrotada da conferencia, e embora não recorra (porque está só) ás armas para tirar a desforra, ficará aguardando occasião mais azada para adquirir o que agora não poude alcançar. A França, embora apparentemente vencedora, perceberá que o sonho da penetração pacifica em Marrocos se lhe desfez para sempre, e que tem de renunciar ás vantagens que lhe conferia o tratado anglo-francez em compensação dos privilegios, que cedeu á Inglaterra no Egypto. A Italia, sem embargo de querer tudo harmonisar, vêr-se-ha indisposta com a Alemanha, e talvez em vespersas de romper violentamente com a sua aliada por causa da questão da Tripolitania. Quer dizer saem todos descontentes de Algeciras, embora todos conciliados, tendo mais uma vez a diplomacia mostrado o que valem as suas sabias combinações.

CONSILIER PEDROSO.

A questão marroquina continúa pouco mais ou menos no mesmo pé, se bem que n'estes ultimos dias as probabilidades de se chegar



A visita dos Reis de Portugal a Madrid



inuciosa reportagem da visita que o Rei e a Rainha de Portugal acabam de fazer á cõrte de Hespanha se encontra através das paginas d'este numero, graças á objectiva do nosso collaborador photographico. De todas as festas realisadas em Madrid em honra da familia real, destaca-se a cerimonia do juramento de bandeira seguida de missa campal que foi ouvida por milhares de pessoas. As nossas gravuras reproduzem varios aspectos d'essa cerimonia e da revista militar que a precedeu.

O que a objectiva photographica não consegue reproduzir é o entusiasmo popular com que foi saudada nas ruas de Madrid a Rainha de Portugal, a quem o povo e os jornaes chamaram a Rainha da belleza e da formosura. Ser Rainha assim, n'um paiz como a Hespanha, onde os olhos das gaditanas rivalisam com as estrellas, e o sorrir das sevillhanas lembra o desabrochar das rosas, é o supremo elogio.

A MODA

Madame Dupont de la Nièvre, Madame des Friquettes e a baronesa Oviedo tomam chá em honra de uma primavera deliciosamente anachronica no jardim do Palacio Friquettes. O sol, que acaba de fazer uma brilhante entrada em scena, insinua-se sob os chapéus carregados de rosas, e diverte-se a brincar através as cabeleiras invariavelmente louras. Tonst, whisky, amendoas torradas, creme, rendas de Chantilly, frutas crystalisadas. Fala-se de theatro, e depois de toilettes. O marquez d'Auberice entra na conversa com aquelle scepticismo encantador que tem de boa vontade os homens de principios, ao passo que o joven visconde d'Arzac afirma por silencios não muito prolongados a sua irremovivel distincção.

Madame des Friquettes — Tem razão, meu caro marquez, a gente já não sabe em que se ha de fiar. O proprio ceu nos faz partidas. D'antes a primavera vinha pouco a pouco. Dava tempo de nos prepararmos e de nos ensaiarmos. Hoje não. Chega de repente, apparece como...

D'Arzac — Como março em quaresma.

Madame Oviedo — E' uma phrase?

D'Arzac — Parece... parece...

Marquez — Que quer, minha senhora, as estações perderam a cabeça. Acostumaram-se a ver, desde o inverno,

em cima da sua mesa, fructas e flores magnificas, e já não sabem a quantas andam! E então enganam-se.

Madame Dupont — E isso faz uma confusão!

D'Arzac — Uma saída de estações.

Madame Oviedo — E' uma phrase?

D'Arzac — Parece... parece...

Madame Friquettes — O que é certo é que se isto assim continúa, não haverá mais modas. Como é que se ha-de poder lançar uma moda sem saber ao certo com que tempo se conta?

Marquez — Nada receie, minha senhora, a moda é eterna. E' necessaria primeiro á graça dos seus gestos e dos seus movimentos,



Na estação de Atocha (12-3). — Reis D. Carlos e D. Affonso passando revista á guarda de honra em continencia á bandeira

e depois á elevação e profundeza dos seus pensamentos. Além d'isso a moda tem um papel social.

Madame Friquettes — Que está o senhor a dizer?

Marquez — Conhece o meu velho amigo Chanfort...

Madame Oviedo — Um pequenino, muito chié, com muito cabello, um monoculo, socio da União...

Marquez — Não, minha senhora, não é esse. E' um alto, muito bonito, cabelleira emposda, uma pequena luneta de ouro, camisa de rendas, um anel de rubis entre compridos e finos dedos. Olhos cheios de alegria e de desprezo. Matou-se.

Madame Dupont — Coitadinho!

Marquez — E' verdade, Matou-se em 1794.

Madame Dupont — Não deixes por isso de ser digno de dó...

Marquez — Não desejo entristecer a inutilmente. Mas este meu amigo disse muito judiciosamente: "que a moda é de alguma fórma



Clic. J. Bono 'le'.

Rainha D. Amelia no museu de pintura moderna da Bibliotheca (12-3)

o imposto que a industria das mulheres lança sobre a vaidade dos homens. Pense, minha senhora, que sem o seu gosto desenfreado pelos trapos, ninharias e bagatellas, milhares de infelizes morreriam de fome, de frio e de miseria. Imagina se que todas essas bugigangas são inúteis. Engano, porque servem a um tempo para a fazer sorrir e para impedir de chorar uma multidão de infelizes.

Madame Friquettes — E ainda se diz mal das mulheres!

D'Arzac — E' preciso viver...

Marquez — Não é uma phrase, hein?

D'Arzac — Não parece... não parece...

Madame Friquettes — Bravo, meu caro Marquez, a moda é um dever.

Madame Oviedo — A moda é uma missão!

Marquez — A moda é um instincto. E tão velha como o mundo. E existiu sempre, desde que ha mulheres e que as mulheres enganam os homens.

Madame Dupont — E quando não havia espelhos para a gente se pentear e vestir?

Marquez — Havia o crystal das fontes e o espelho tranquillo dos lagos.

Madame Friquettes — E quando se não usava vestidos?

Madame Oviedo — Sim, quando se andava nu?

Marquez — Existia a moda da mesma maneira. Mais de uma se lançou no paraiso terrestre.

D'Arzac — ... é uma phrase.

Marquez — Sabe o que Eva disse a Adão quando de uma costella ella sahio mulher?

Madame Friquettes — Não, não sei...

Marquez — Pois bem, quando Adão accordou do seu primeiro somno — que na phrase de um poeta, foi o seu ultimo descanso — Eva estava de pé, em frente d'elle, toda fresca, sahida das mãos do Creador. Curvou-se, estendeu os braços, suspirou, e sem transição disse-lhe: Meu amigo, não tenho com que me cubra !!

Madame Dupont — E' verdade, é verdade!

Marquez — E aqui está como se creou a moda, cinco minutos pouco mais ou menos depois de se ter creado a mulher. Porque, bem entendido, Eva poz-se logo á cata de enteites sortidos para o seu genero de belleza, segundo o tempo que fazia, e os sitios onde tinha de ir. Lançou primeiro a folha de figueira, depois, logo a seguir, a da accacia mais indiscreta e menos adornada, depois a do castanheiro mais cerimoniaosa, a do feto, mais phantastica... Tenho a certeza que quando a nossa primeira mãe voltava tarde para casa, e Adão lhe perguntava por onde tinha andado todo o dia, ella não deixava de lhe responder, preparando o mel das cinco horas: meu amigo, andei pela floresta á procura de folhas que dissessem com a côr do céu e com a côr dos meus cabellos... A floresta foi a primeira costureira.

Madame Dupont — Foi?

Marquez — Foi, sim, minha senhora. De resto, antes de poderem submeter a maneira de vestir aos caprichos da moda — porque vestidos não havia então — os homens e as mulheres submeteram-lhe o seu corpo. Vejam os selvagens que ignoram o uso da tanga mais irri-



No tiro aos pombos. — O rei de Hespanha e a rainha de Portugal

soria! Fazem a tatuagem todos os annos. Sabem bem que na China é de elementar elegancia nas mulheres o reduzirem o pé ás proporções de pequeninos côtos. Mas o que não sabem que é para o alto Zambeze ha uma tribu onde se fura o nariz e no Groenland, certas Laponias coquettes arrancam os dentes, um sim, outro não, transformando a bocca n'uma serie de pequeninos estojos. O que é isso tudo senão a moda, a moda eterna, universal, imprescriptivel.

Madame Friquettes — O quê! o sr. ousa comparar esses costumes barbaros com as nossas elegancias?

Marquez — Ouso, sim minha senhora. Elegancia a quem dos Pyreneus, ridicula alem.

Madame Dupont — Mas desde que não ha já Pyreneus...

Marquez — Sempre se arranjam alguns. Depois, que ha de mais natural que a versatilidade da moda? Varia no espaço como no tempo. Que ha de mais diferente dos seus vestidos do estylo Fallières que os seus vestidos do estylo Carnot?

Madame Friquettes — E' verdade; quando se olha para as antigas photographias, envergonha-se a gente.

Madame Oviedo — E pergunta-se como é que se pode ter agradado dentro de taes horrores!



O tiro aos pombos na Casa de Campo (12-3). — El rei D. Carlos, infantas Maria Thereza e Isabel e infante Fernando da Baviera

Clebés Benollet.

Madame Dupont — E no entanto, agradou-se.

Arzac — Immenso... é uma phrase! (ri — sózinho).

Madame Friquettes — E' preciso mudar.

Madame Oviedo — Para fazer a fortuna das costureiras.

Marquez — E o prazer dos homens. Porque eu talei lhes do papel social da moda, mas o seu papel sentimental e, se assim posso dizer, psicologico, não é menor. Lembrem-se de que ella corrige os costumes e reforma as leis.

Madame Friquettes — Como?

Marquez — D'esta maneira: os codigos europeus regulamentaram o casamento de uma fôrma absurda e lamentavel, O homem fez-se para ter muitas mulheres.

Madame Oviedo — Oh!

Marquez — E' como lhe digo, minha senhora, a polygamia é natural, imperiosa, inevitavel. Sómente é interdita, complicada, muito dispendiosa. E as mulheres sentiram-n'o sem o comprehendem, e inconscientemente inventaram uma transacção engenhosa: graças á moda, ondulante e variavel, uma mulher consegue



No tiro aos pombos (13-3)

El-rei D. Carlos e príncipe Fernando da Baviera

ser varias mulheres, consegue substituir-se a si propria no momento em que sente diminuir o seu poder sobre o homem amado. Assim subsiste a illusão da mudança. Um marido cansado da sua mulher vestida á 1905, deixa-se enlevar pelos encantos da sua mulher vestida á 1906. Esquece-se a esposa do inverno aos pés da esposa da primavera. E' o que se póde chamar a infidelidade interior.

Madame Friquettes — Tem razão, marquez. Meu marido, que naturalmente é como todos os outros, olha para os meus retratos antigos, um pouco como se fossem retratos de antigas amantes, com um sorriso em que ha um nadinha de reconhecimento, um pouco de indiferença, uma suspeita de ternura e uma pontinha de aborrecimento.

Marquez — Sómente, minha senhora, a vida corre agora tão depressa, é tão telephonica, tão automovel, que em materia de moda, como em materia de quaesquer outras coisas, é preciso passar sem parar.

Madame Friquettes — Conhece a historia de Simone Chevreuse. Todos — Não. Conte lá.

Madame Friquettes — Pois bem, o anno passado — lembram-se? — usavam-se vestidos de cauda, muito tufados, e mangas chatas que

ficavam muito bem a Simone. Em Trouville, onde ella costuma passar o verão com os paes, encontrou o pequenino La Hire que se apaixonou doidamente por ella. Em oito dias estavam noivos. Mas o rapaz teve de ir fazer uma longa viagem ao Brasil, onde tem propriedades e o casamento teve de se adiar por seis mezes. La Hire partiu. Durante a sua ausencia, patatrás, os vestidos mudaram de feitio. Quando elle voltou, usavam-se mangas amplas, a cintura mais baixa, e as saias justas. Com essa *toilette*, a pobre Simone



No tiro aos pombos (13-3). — Rainhas D. Amelia e Cristina e infantas Maria Thereza e Isabel

tinha o ar de um balão de creança, na ponta de uma canna. Parecia assoprada em cima e esticada em baixo. O pobre La Hire teve um desapontamento terrivel...

Marquez — E desmanchou-se o casamento?

Madame Friquettes — Não. Mas o mais bonito é que, quando estavam já de accordo em desmanchal o, os figurinos mudaram de novo. Simone encontrou-se outra vez á vontade. La Hire viu-a, ficou de novo encantado e dizem que vae tornar a pedir a mão de Simone.

Madame Oviedo — Mas é um monstro!

Marquez — E', mas é tambem um homem.

CAILLAVET E DE FLEIS.



Cliebs Benoiel. No tiro aos pombos (13-3)
El-rei D. Carlos recebendo a taça-premio



No tiro aos pombos (13-3). — El-rei D. Carlos — Rainhas D. Amélia e D. Maria Cristina e infanta Maria Thérèse

A narrativa de um pastor

No tempo em que eu guardava os rebanhos perto do Luberon, passava semanas inteiras sem vêr viva alma, só na pastagem com o meu cão Labri e as minhas ovelhas. De tempos a tempos o eremita do Mont-de-l'Ure, passava por ali á procura de crentes, ou então entrevia a cara negra de algum carvoeiro do Piémont: mas eram creaturas simples, silenciosas á força da solidão em que viviam, tendo perdido o gosto de falar e não sabendo nada do que se passava nas villas e cidades.

Por isso quando de quinze em quinze dias eu ouvia sobre a encosta os chocalhos da mula da nossa quinta, trazendo me as provisões da quinzena, e que via apparecer pouco a pouco a cabeça desenvolta do rapaz da quinta ou a coifa russa da velha tia Norade, ficava verdadeiramente contente.

Pedia para me darem noticias da villa, os baptisados, os casamentos; mas o que me interessava sobretudo era saber o que fazia a filha dos meus patrões, a nossa menina Stéphanette, a mais bonita moça que havia a dez leguas em redondo. Sem ter ar de me interessar demasiado, informava-me se ella ia muito ás festas, aos serões, se tinha novos conversados; e aquelles que me perguntavam o que essas cousas me podiam interessar, a mim pobre pastor da montanha, respondia que tinha vinte annos e que Stéphanette era tudo o que tinha visto de mais bello na minha vida.

Um domingo que eu esperava os viveres para a quinzena, deu-se o caso de elles chegarem muito tarde. De manhã dizia comigo mesmo: "E' por causa da missa". Depois, proximo do meio-dia rebentou uma grande tempestade, e eu pensei que a mula não tinha podido metter-se a caminho por causa do mau tempo. Emfim, perto das tres horas o ceu começou a desanuviar se, a montanha estava reluzente d'agua e de sol, e eu ouvi juntamente com o gottejar das folhas e o trambordar dos regatos inundados, os chocalhos da mula, tão alegres, tão festivos como um grande carrilhão em domingo de Paschoa. Mas não era o rapaz da quinta, nem a velha tia Norade, que a conduzia. Era... advinhae quem... a nossa menina! a nossa menina em pessoa, corada do ar das montanhas e da quietação da tempestade.

O pequeno estava doente, a tia Norade a férias em casa dos



No tiro aos pombos (13-3)
Conde e condessa de Tovar de Lemos e sua filha



Clichés Beaulieu.

Barão e baroneza de Horteiga no tiro aos pombos

filhos. A formosa Stéphanette disse-me tudo isto ao descer da mula, e também que chegava tão tarde por se ter perdido no caminho, mas ao vê-la tão enfeitada com a sua fita escocesa, a sua vistosa saia e as suas rendas, disse-lhe mais depressa que ella se tinha retardado n'algum bailarico, do que havia procurado o caminho através dos bosques. Oh! a deliada creatura! Os meus olhos não se cansavam de a admirar. E' verdade que eu nunca a tinha visto de tão perto. Algumas vezes no inverno, quando os rebanhos desciam á planície e que eu entrava á noite na quinta para ceiar, ella atravessava rapidamente a sala quasi sem falar aos servos, sempre preparada e um pouco altiva. Agora tinha-a deante de mim, só para mim; não era para fazer perder a cabeça?

Quando acabou de tirar as provisões do cesto, Stéphanette olhou curiosamente em torno de si. Arregaçando um pouco a sua bella saia do domingo para evitar que se estragasse, entrou na *arribana*, quiz vêr o canto onde eu dormia, o leito de palha, com a pelle de carneiro, a minha grande capa pendurada na parede, o o meu cajado, a minha espingarda. Tudo isso a divertia. "Então é aqui que tu vives, meu pobre pastor? Como tu deves aborrecer-te de estar sempre só. O que fazes? Em que pensas?... Eu tinha vontade de responder-lhe: "Em si, menina, e não teria mentido; mas a minha perturbação era tal que não achava uma palavra que responder-lhe. Creio bem que ella percebeu, e que a endiabrada rapariga achava prazer em redobrar o meu embaraço com as suas malicias. "E a tua namorada, pastor, sóbe aqui muitas vezes para te vêr? Certamente que vem montada n'alguma cabrinha de oiro, ou então essa é fada Esterelle que não apparece senão nos cimos das montanhas... E fallando assim, assemelhava-se bem á fada Esterelle com o seu



Na Castellana (143). — O juramento da bandeira — O bispo de São Jaloando aos recrutas
Ao fundo os reis D. Carlos e D. Afonso e estado-maior a cavallo

xo, havia encontrado o Sorgue engrossado pela chuva da tempestade, e que querendo passar o a todo o custo, tinha estado em risco de se afogar. O peor é que áquella hora não era possível pensar em voltar á quinta; pois a nossa menina não saberia ir sosinha pelo atalho, e eu não podia deixar o rebanho. A idéa de passar a noite na montanha apouentava-a muito, sobretudo pela inquietação em que ficava a familia. Eu socegava-a o melhor que podia: "Em julho as noites são pequenas, menina. E' um bocadinho mal passado. E accendi depressa uma grande fogueira para enchugar-lhe os pés e o fato, todo molhado de agua do Sorgue. Depois puz deante d'ella leite e malvas; mas a pobre creança não pensava nem em se aquecer nem em comer, e ao vêr as grossas lagrimas que lhe deslisavam pelas faces, também eu sentia vontade de chorar.

De ali por um pedaço era noite fechada. Já não se via no cume das montanhas senão um pallido reflexo do sol, uma debil luz do lado do poente. Eu quiz que a nossa menina entrasse na *arribana* para descansar. Tendo estendido sobre a palha fresca uma bella pelle nova, dei-lhe as boas noites e fui assentar-me fora da porta... Deus é testemunha de que, vpesar do fogo do amor que me escaidava o sangue, nenhum mau pensamento me occorreu. Só tinha um grande orgulho em pensar que a um canto da *arribana*, muito perto do rebanho, que curioso a via dormir, a filha dos meus patrões, — como uma ovelha mais preciosa e mais branca que todas as outras — repousava, confiada á minha guarda. Nunca o céu me havia parecido tão profundo, as estrellas tão brilhantes... De repente, a porta da *arribana* abriu-se, apparecendo a encantadora Stéphanette. Não podia dormir. Os animaes faziam estalar a palha ao mecher-se ou baliam sonhando. Ella preferia vir para junto do fogo. Deitei-lhe sobre os hombros a minha pelle de cabra, espertei a chamma, e ficámos assentados um ao lado do outro sem falar.

Se já tendes passado a noite ao luar, deveis saber que á hora em que nós dormimos, um mundo novo accorda na solidão e no silencio. Então as fontes murmuram muito mais claro, nas lagoas apparecem pequeninas chammãs. Todos os espiritos da montanha vão e veem livremente, ha na atmospherã ligeiros estremecimentos, ruidos imperceptíveis, como se se vissem os troncos das arvores crescer, a relva rebentar. O dia é a vida dos seres, mas a noite é a vida das coisas. Quando se não está habituado faz medo... Por isso a nossa menina estava toda tremula, chegando-se para mim ao mais pequeno ruido. Uma vez, um grito longo, melancholico, partindo da lagoa que luzia lá em baixo, subiu ondulado até nós. No mesmo instante uma bella estrella cadente atravessou sobre as nossas cabeças na mesma direcção, como se esse lamento que nós acabavamos de ouvir levasse uma luz consigo. — "O que é isto? perguntou-me Stéphanette em voz baixa.

— "E' uma alma que entra no paraíso, menina," e fiz o signal da cruz. Ella persignou-se também, e ficou um momento com os olhos fixos no ceu, em religiosa contemplação. Depois disse-me: "E' então verdade, pastor, que vós outros sois feiticeiros?"

— Oh! não, minha menina. Mas nós aqui vivemos mais perto das estrellas, e por isso sabemos melhor o que se passa entre ellas do que os habitantes de planície.

Ella olhava sempre para cima, a cabeça encostada á mão, envolta na pelle de cabra como um pequeno pastor celeste: "Que immensidade! Como é bello! Nunca tinha visto tantas... Sabes-lhes os nomes, pastor?"

— "Sim, menina... Olhae, justamente sobre a nossa cabeça, eis o *Caminho de São Jacques*. Vae de França direito a Hespanha.

"Foi São Jacques da Galliza que o traçou para mostrar o seu caminho ao bravo Carlos Magno quando elle fazia a guerra aos Sarracenos. Mais além vêdes o *Carro das almas* com os seus quatro eixos resplandecentes. As tres estrellas de diante são os tres *animaes*, e aquella pequenina atraz da terceira é o *carreiro*. Não vêdes á roda uma chuva das estrellas que parecem que vão cair? São as almas que o bom Deus não quer no paraíso... Um pouco mais



Juramento da bandeira, na Castellana (143)
Um recruta beijando a bandeira hespanhola

delicioso sorriso, a cabeça inclinada para traz e a pressa de se ir, que fazia da sua visita uma apparição.

— Adeus pastor.

— Adeus menina.

E eil a que parte, levando os cestos despejados.

Quando desapareceu na encosta, pareceu-me que as pedras rolando sob as patas da mula, me caíam uma a uma no coração. Ouvi-as por muito tempo; e até ao fim do dia fiquei como que adormecido, não ousando mecher-me com medo de despertar do meu sono. Perto da noite, quando os fundos dos valles começavam a tornarem-se azues e os animaes balindo se encostavam uns aos outros para entrar na *arribana*, ouvi chamarem-me da encosta, e vi apparecer a menina, não risonha e alegre como inda ha pouco, mas tremendo de frio, de medo e toda encharcada. Parece que na encosta lá em bai-

abaixo, estão os *trez reis*. E' o que nos serve de relógio a nós outros. Basta olhar para ali para saber que agora é meia noite passada. Um pouco mais abaixo ainda, sempre em direcção ao sul, brilha *João de Milão*, o facho dos astros. A proposito d'esta estrella, eis o que os pastores contam. Parece que uma noite *João de Milão* com os *trez reis* foi convidado para assistir ao casamento de uma estrella. Os *trez reis* mais apressados partiram segundo dizem, primeiro, tomando pelo caminho alto. Olhae para cima, além ao fundo do ceu. O preguiçoso *João de Milão*, que tinha dormido até muito tarde, ficou atrás de todos e furioso, atirou-lhes com o bordão para os fazer parar. E' por isso que os *trez reis* se chamam também o *bastão de João de Milão*. Mas a mais bella de todas as estrellas, menina, é a nossa, é a *Estrella do pastor*, que nos illumina ao romper da aurora quando saímos com o rebanho, e á noite quando recolhemos. Nós denominamol a também *Maguelona*, a bella *Maguelona* que segue sempre *Pedro de Proença* com o qual casa de sete em sete annos.

— "Como! pastor, ha pois casamentos entre as estrellas?"

— "Mas, certamente, menina..."

E como eu tentava explicar-lhe o que eram esses casamentos, senti uma coisa fresca e fina pousar ligeiramente no meu hombro. Era a cabeça de *Stephanette* tonta de sono que se apoiava contra mim com um encantador roçado de fitas, de rendas e de cabellos ondedos. Ella ficou assim sem se mover até que os astros no ceu começaram a empallidecer, escurecidos pelo sol nascente. Eu via a dormir, um pouco perturbado no intimo d'alma, mas santamente protegido por essa clara e limpida noite que nunca me deu senão pensamentos puros. A' roda de nós, as estrellas continuavam a sua marcha silenciosa, doceis como um grande rebanho; e por momentos alagrou-se-me que uma d'essas estrellas, a mais formosa, a mais brilhante, havendo se perdido no caminho, tinha vindo reclinar-se sobre o meu hombro para dormir.

ALPHONSE DAUDET.

O novo ministerio

Hintze Ribeiro

Chefe do partido e chefe do governo. No ministerio a sua personalidade é uma garantia de lealdade e de dedicação; no parlamento a sua palavra é uma lamina de Toledo. Adversario temivel, nunca foi chamado á ordem. Invencivel no ataque, nunca fez um agravo nem proferiu uma injuria. E' proverbial a sua correcção de parlamentar, como é irreprehensivel a sua linha de estadista. A sua sabida do ministerio ha cerca de dois annos pôz em foco estas duas qualidades. E, caso porventura inedito na politica portugueza: o motivo que o derribou então é o mesmo que o levanta agora. A mesma questão dos tabacos que o matou ressuscita-o. E oxalá que quando elle a resolva — porque só elle hade resolvê-la — os que absurdamente clamam contra a sua readmissão, só por ser proxima da sua demissão, possam repetir em côro o famoso verso de Victor Hugo:

Il vaut mieux bien sortir que mal entrer

Campos Henriques

E' a cortesia em pessoa, quinta essencia da delicadeza, e um ar permanente de tolerancia. Esta força pessoal deu-lhe uma invencivel força eleitoral. Manda no norte do reino como nós em nossa casa. Não é um despota e todos lhe obedecem, não tem o sceptro do poder mas os seus fieis são n'ó tanto, que para elles um desejo seu é uma ordem. Volta para a pasta em que já puzera a render um capital de serviços. Volta confiado em que ha de duplica-lo: nem voltaria se esta confiança lhe fugisse. Como juiz nunca foi cruel com os réos. Como estadista nunca creou inimigos. A' finura do tracto, ás subtilidades do tacto, á viveza da intelligencia, e ao encanto pessoal, deve o prestigio que tem em toda a parte a sua individualidade e o seu nome.

Teixeira de Sousa

Traz-os-Montes tem uma forte representação no ministerio. O ministro da fazenda e o da marinha são duas columnas de peso. O primeiro vae carregado com a mais pesada de todas as pastas. Não tivesse elle aquella invejavel corpulencia e largura de hombros, que viria a terra com o peso da questão dos tabacos. Dias amargos lhe estão reservados... não resta duvida, mas é nas grandes occasiões que se revelam os grandes homens. D'este, que



Na Castellana (14-3.) — Juramento da bandeira — O altar em que se disse a missa campal

já singrou pelos mares da fazenda, pode dizer-se que o bom filho á casa torna, ou antes... á pasta.

Tem a tenacidade de um beneditino, firmeza de pontos de vista, e mão certa nas operações — o que lhe vem talvez dos remotos tempos da clinica cirurgica. Os nossos votos são simples: leve a porto de salvamento a perigosa nau da fazenda.

Pimentel Pinto

Em todas as situações Hintze é elle o ministro da guerra invariavel e... obrigado. E, diga-se em abono da verdade, que a nenhum dos outros que Deus haja deve tanto o exercito.

General, par do reino, conselheiro d'Estado, grã-cruz d'Aviz por distincção, ministro pela segunda vez, em 13 annos de vida publica, não ha exemplo de quem tantas promoções tenha tido, de quem tenha subido tão alto.

Entra n'uma occasião difficil, porque as promessas feitas ao exercito pelo governo extinto não foram cumpridas. Ou tem de cahir, ou para se firmar no posto, tem de renova-las em edição correcta e... augmentada.

Antonio d'Azevedo Castello Branco

Poeta de sentimento e director da Penitenciaria. Mas não diz a chronica se a sua lyra afinada desarmou os assassinos e enfeitou os ladrões. Podia dormir á sombra do appellido illustre de que usa: não quiz; antes portiou em dar-lhe realce.

Em tempo presidiu á camara dos deputados, como agora presidia á municipalidade de Lisboa. E como também já presidiu á justiça, assim vae agora presidir á armada. D'onde se vê que nasceu presidente, como outros nasceram musicos ou pintores.

Traz-os-Montes ufana-se de lhe ter sido berço, como Lisboa se gloria de o ter por seu representante. E' um homem bom e intelligente, simples e chão, parecendo indifferente até áquillo que o interessa, e... a respeito de conselhos, visto ser conselheiro d'Estado — tem o ar bonacheirão de quem gosta mais de os ouvir que de os dar. E' uma das columnas solidas do ministerio.

Wenceslau de Lima

Diplomata por vocação, está no ministerio da... diplomacia... por direito de conquista. Doutor de capello, professor no Porto, par do reino, ministro, é, comtudo, o diplomata que sobresahe em todas as manifestações do talento e da actividade.

Nas recepções do corpo diplomatico, é o ministro dos estrangeiros *comme il faut*. Com a mesma facilidade e o mesmo sorriso fala linguas, organisa tratados de commercio e dá jantares. Esta grande e dupla força do homem moderno: nunca ter vasio o cerebro nem a bolsa... tem-n'a elle. E' rico de illustração e de bens — não pôde aspirar a riqueza maior. E' tão proverbial a sua lealdade partidaria, que deslealdade seria o não ser chamado de novo para os conselhos da corôa. Lá está e... está onde deve estar.

Pereira dos Santos

Directo successor de Antonio de Serpa... na abstracção. Comtudo n'este sport do espirito abriu uma excepção digna de nota. Foi quando se deram os ultimos tumultos da camara dos deputados. De nada se esqueceu, nada o tornou abstracto, e tanto a serio tomou o papel de leader, que quando os mais furibundos diziam: mata, elle gritava de lá: esfolia. Engenheiro e militar, orador e estadista, character e valor, não tem nada que se deite fóra, e atilado se mostrou o chefe regenerador em fortalecer com a escolha d'este nome o actual gabinete.

O NOVO MINISTERIO



Conselheiro Campos Henriques
Ministro da Justiça



Conselheiro Hintze Ribeiro
Presidente do Conselho e Ministro do Reino



Conselheiro Teixeira de Sousa
Ministro da Fazenda



Conselheiro Pimentel Pinto
Ministro da Guerra



Conselheiro Antonio de Azevedo Castello Branco
Ministro da Marinha



Conselheiro Wenceslau de Lima
Ministro dos Estrangeiros



Conselheiro Pereira dos Santos
Ministro das Obras Publicas

Na Castellana (Madrid) em 14-3.—Juramento da bandeira



Clché Benoitel.

El-rei D. Carlos fardado de coronel do exercito hespanhol e o rei D. Affonso, assistindo á missa campal



Conde de Tovar
Ministro de Portugal em Madrid



Alfredo Casanova
Aldido à legação portuguesa em Madrid



Francisco Calheiros
Conselheiro da legação de Portugal em Madrid



Abel de Andrade



Barão de Ortega
Consul de Portugal em Madrid

A grã-cruz da Conceição com que o governo do sr. José Luciano de Castro agraciou o director geral de instrução publica, se não é bastante para premiar os seus serviços à instrução, prova que nos altos poderes publicos não passaram despercebidos esses serviços. Lente de direito, o professor invigine confirmou o valor do estudante laureado. Depolado da noção, as faculdades de orador revelaram uma notavel aptidão parlamentar. Director geral de instrução publica, as reformas da instrução primaria, da Universidade, do ensino dos lyceus, da Academia de Bellas Artes, do Conservatorio, da Direcção Geral de Instrução Publica documentam as suas prodigiosas qualidades de intelligencia e de trabalho, e justificam de sobejo a concessão da regia mercê pela qual sinceramente o felicita o «Brasil-Portugal».

Na Castellana (Madrid) em 14-3.—Desfile das tropas em continencia



Cliché Benoitel.

A tribuna real

F. Marinho 31